



STAR CRAFT  
HEART OF THE SWARM



# No Escuro

Por David Gerrold

— Cachinhos Dourados!

Jake sorria enquanto estudava as telas à sua frente. Sua nave ainda estava muito longe para conseguir uma visão detalhada do planeta, mas a perspectiva era ótima — até melhor do que ótima.

Um sol quente e amarelo, não muito longe do ciclo principal. Três pequenas luas, do tamanho necessário para gerar marés e manter o planeta estável em seu eixo. Gravidade relativa: 90,09%. Água na superfície: 73%. Oxigênio na atmosfera: 31%. Temperatura média de 24 graus Celsius. Supertempestades sazonais, mas isso ocorreria em qualquer planeta com atmosfera. Um continente longo e irregular se estendendo das regiões árticas do norte até um pouco além das regiões temperadas do sul. Havia também umas poucas ilhas grandes espalhadas, em sua maioria perto da costa do único continente. Vegetação com cores que iam do âmbar ao índigo, mas tendendo ligeiramente para laranja e rosa. Metano e CO2 suficientes na atmosfera para indicar uma biomassa herbívora significativa e provavelmente carnívoros dela dependentes. Um pouco de atividade vulcânica, mas nada cataclísmico.

Nem quente nem frio demais.

Nem grande nem pequeno demais.

Com condições para abrigar vida.

Na medida certa.

Como no Princípio de Cachinhos Dourados.

E melhor ainda: essa estrela estava num lugar tão improvável, tão fora das rotas principais, que seria muito difícil alguém vir à sua procura. Ele se deu conta de que, cacete, poderia até ser o primeiro humano a pisar naquele mundo improvável. — Há! Será Cachinhos Dourados! Neste momento, eu te batizo de planeta das tranças douradas. — Mas ele não falou essa parte em voz alta. Para que dar sopa para o azar?

Mandou o ajudante posicionar a nave na órbita polar e colocar os rastreadores para mapear a superfície toda do mundo. Pretendia ficar ali por muito tempo. Talvez a vida toda. Queria um lugar tropical, com chuvas de fim de tarde para aplacar o calor do dia e uma ampla vista do oeste para que ele pudesse sentar na varanda e admirar o pôr do sol.

Na verdade, ele tinha toda uma lista de desejos. — Ajudante, procure terra fértil para que eu possa plantar frutas e verduras. Com acesso a água limpa corrente para que eu possa me banhar regularmente e colocar um moinho de água para gerar energia elétrica. Perto da praia, para que eu possa navegar, mas numa encosta alta o suficiente para escapar de tsunamis. Nada de vulcões ativos, falhas geológicas instáveis nem cinturão de tornados na vizinhança.

— Buscando — respondeu a IA.

Jake pensou alto: — Talvez uma ilha um pouco fora da linha equatorial. Seria muito bom.

— Um lugar no continente lhe daria mais acesso aos recursos.

— É, mas também me colocaria bem no caminho de várias espécies migratórias. — Os rastreadores já tinham revelado rebanhos gigantes de *coisas* enormes que se moviam lenta e continuamente, sempre em busca pastos frescos... seguidos por bandos inteiros de predadores quase do mesmo tamanho. — Viver no meio de uma rodovia da evolução não é uma boa. Não sou burro.

— Não é, não — concordou o ajudante. — Seus níveis psicométricos são bem altos, a despeito de suas tendências impulsivas.

— Cala a boca — soltou Jake. Ele não chegara ali por acidente. Pensara naquilo durante muito tempo.

A decisão de desertar começou a se formar na sua mente vinte minutos depois da primeira vez em que ele tinha olhado as estatísticas de mortalidade. Ficou murmurando para si mesmo: "Existem soldados velhos e soldados corajosos, mas não existem soldados velhos corajosos". Então descobriu que, na verdade, não havia nenhum soldado velho. Não era só desencorajador: era aterrorizante. Olhando para as telas cheias de dados, seu tempo de serviço parecia infinito, e a única aposentadoria eram sete palmos de terra num fim de mundo que só produziria uma plantação de lápides equidistantes.

Jake queria ficar do lado de cima da grama pelo máximo de tempo possível.

Primeiro, ele procurara saber que carreira tinha a menor chance de mortalidade. Piloto de suprimentos não era a melhor, mas também não era a pior. E tinha uma vantagem enorme: as naves colonizadoras geralmente levavam todo o equipamento necessário para montar um assentamento autossuficiente. Foi aí que a ideia nasceu. Foi quando Jake escolheu a carreira. Levou sete anos — sete anos *assustadores* —, e não foram poucas as vezes em que foi levado a crer que tinha feito uma péssima escolha.

Sete anos — essa era para ser a duração do seu contrato. Sete anos, e ele poderia sair. Poucos viveram o suficiente para sair, e o alistamento dos que conseguiram chegar a essa marca sempre eram estendidos por uma ordem superior. Foi no dia em que chegaram as ordens de sua extensão que Jake decidiu que já era demais.

Ele cumprira sua obrigação, estava exausto e não tinha mais energia para combater. Não tinha mais família — toda ela morrera num ataque de zergs. Alistara-se ainda na adolescência. Você poderia sonhar com algo mais — soldados sempre sonham —, mas não havia *mais*. Só havia *aquilo*.

Jake conseguira ser promovido de navegador para copiloto, depois para piloto. Ele tinha até chegado a ser oficial em treinamento, com todas as responsabilidades que a posição trazia. Isso lhe deu acesso à informação — o suficiente para saber que havia muito mais no universo do que as pessoas imaginavam. Vira muitos mundos diferentes, os desérticos e os abundantes, os belos e os feios. Sabia que havia possibilidades — mais possibilidades do que os militares admitiram em toda a história.

Então ele estudou mapas estelares, astrofísica e dinâmica solar. Seus superiores notaram esses interesses extracurriculares. Ele disse que estava pensando em uma carreira em planejamento estratégico e contramedidas, aí eles lhe deram acesso aos bancos de dados de exploração e mapeamento — tudo o que as sondas de vigilância tinham descoberto em centenas de milhares de anos-luz em todas as direções do espaço. Uma esfera de conhecimento crescente.

Jake separou em segredo os dados sobre condições para um planeta abrigar vida. Algumas estrelas eram grandes demais ou da cor errada. Umas tinham muita radiação. Mas uma estrela com tamanho e cor certos era o lugar certo para se procurar um planeta ideal. Seus superiores achavam que ele estava avaliando as chances de uma infestação zerg. O Exame estava quieto desde a Guerra das Castas; mesmo assim, eles aprovaram. Planejamento de longo prazo era bom. Ele só não sabiam que Jake estava planejando o seu próprio longo prazo.

A oportunidade veio inesperadamente. Jake não tinha escolhido um sistema solar nem feito uma triagem. Ainda estava considerando vários candidatos, perto e longe, e precisava definir qual a distância máxima que ele poderia percorrer sem que a busca deixasse de valer a pena em termos de custo-benefício.

Mas então o comboio foi atacado. A batalha irrompeu ao redor deles. Sozinho na ponte de comando, já sonhando com as possibilidades... antes de ter tempo de pensar, ele agiu.

Ele não teve tempo de acordar o capitão. Levantou a tampa de plástico e meteu a mão no botão vermelho. Alarmes dispararam na nave inteira; tripulantes pularam nos módulos de fuga; e, em três minutos, a evacuação terminou. E Jake era o último homem a bordo.

Levou menos de trinta segundos para ele definir um novo curso para a nave, para longe da zona de combate. Na fúria da batalha, quase ninguém percebeu. Só depois, quando verificassem os registros das naves sobreviventes, perceberiam que uma das naves colonizadoras tinha desaparecido — não fora destruída, apenas sumira. Mas isso só ocorreria se houvesse sobreviventes. Pelo que Jake vira do ataque, provavelmente não haveria.

Ele estava só. Estava livre. Estava *ali*.

E ali era Cachinhos Dourados.

Perfeito.

#

Deixou que o ajudante destrinchasse os números e mastigasse os dados por alguns dias enquanto preparava um módulo de transporte. Não sabia do que iria precisar, então se preparou para todas as eventualidades previstas em diferentes cenários-padrão de aterrissagem, além das possibilidades locais projetadas pelo ajudante, especialmente para as situações que poderiam impedi-lo de voltar à nave colonizadora.

Também pensou em mandar a nave grande para o coração do sol a fim de destruir evidências de sua chegada. Mas a decisão não precisava ser tomada aquele dia. Além disso, podia haver alguma razão ainda por descobrir para Cachinhos Dourados ser o planeta errado. O termo técnico seria *surpresa*.

Ele já tinha descartado o continente. Havia coisas grandes e famintas demais. No entanto... havia um arquipélago a oeste, perto o bastante para dar acesso ao continente, mas longe o bastante para proporcionar isolamento. A ilha maior, na ponta sudoeste do arquipélago, parecia perfeita. Era triangular, formada por cones íngremes de três vulcões, dois deles adormecidos. O outro — o maior, ainda fumegando — era tão alto que tinha neve e até geleiras permanentes. A água derretida provia irrigação o ano todo e provavelmente algumas fontes termais também. Correntes tropicais que vinham do sul mantinham os mares quentes, e os ventos vindos do norte empurravam as nuvens contra as encostas a oeste todos os dias, onde o ar frio fazia cair uma garoa vespertina quase diariamente.

Ele estudou a grande ilha minuciosamente. Cenas dramáticas expostas em telas gigantescas. Se houvesse alguma coisa errada, ele tinha que achar agora. Mas, quanto mais ele via, mais a ilha o atraía.

Sondas exploratórias revelaram tapetes de vegetação exuberante nas encostas da ilha, árvores frutíferas esguias e outras maiores com folhas protetoras, florestas inteiras repletas de samambaias e trepadeiras. Cascatas límpidas alimentavam uma rede de correntes e piscinas. Havia pelo menos seis ecossistemas diferentes nas ilhas, determinados pela altitude, pelos padrões dos ventos e pelo fluxo da água. Onde as zonas se encontravam, havia uma acelerada ação evolucionária, resultando em formas híbridas saudáveis.

Novas sondagens revelaram pássaros e insetos — maiores do que ele estava acostumado, mas nada tão ameaçador quanto os bichos do continente. Havia diversos anfíbios, animais de pequeno porte e até algo que lembrava um porquinho selvagem. Os mares fervilhavam de peixes de todos os tamanhos, inclusive espécies enormes. Mas não tinha problema. Jake não estava mesmo pensando em nadar naquela praia. Ao norte, algumas das ondas quebravam com quase sessenta metros de altura. Isso, sim, o intimidava — ele nunca tinha estado em uma profundidade maior que a de uma banheira.

Ele não conseguia escolher um nome para a ilha. Pax? Aloha? Shalom? Refúgio? Ilha Grande? Nenhum deles parecia bom. Mas ele não tinha pressa. Talvez a ilha revelasse seu próprio nome com o tempo.

Mas havia outras possibilidades, e ele não precisava tomar uma decisão apressada. Ele tinha planejado tanto e ido tão longe... Então analisou o continente mais uma vez com cuidado. Estudou uma pequena lagoa na costa ocidental, protegida por penhascos irregulares que a isolavam. E um lago em formato de vírgula numa altitude bem acima de onde passam as rotas de migração. E até um penhasco rochoso varrido por tempestades no hemisfério sul, tão inóspito que ninguém em sã consciência pensaria em explorar. No fim, Jake sempre voltava às convidativas ilhas. Talvez um dia ele fosse explorar o continente, mas, no momento, as ilhas pareciam mais seguras e atraentes.

No entanto, mesmo quando o módulo de transporte já estava totalmente carregado e programado com as coordenadas da encosta no oeste da ilha, Jake ainda hesitava. Ele voltou à ponte para mais uma olhada, mais uma sondagem, mais uma varredura, mais uma revisão dos dados — mais uma oportunidade de achar uma razão para hesitar.

Ele ficou sentado na cadeira de comando por mais de uma semana, discutindo consigo mesmo, com o ajudante, comendo sanduíches de karak e bebendo xícaras e mais xícaras de café, contraindo os lábios, erguendo a sobancelha, franzindo o cenho, fazendo muxoxo, pensando, estudando, se questionando, levantando prós e contras, méritos e deméritos, até que finalmente concluiu que a situação não ia mudar — não importava o quanto pensasse. Talvez a ilha fosse idílica, talvez não. Ele nunca saberia com certeza se ficasse ali sentado se preocupando.

Por um momento, até pensou em dar meia-volta com a nave. Ele ainda podia voltar. Podia dizer que separara a nave do comboio para salvá-la da destruição. Mas isso não explicaria por que ele ordenara a evacuação, nem por que os registros inapagáveis mostravam uma vigilância longa e detalhada daquele planeta. Bem, ele poderia dizer que, uma vez lá, achou que deveria sondar o planeta para uma possível colonização. Será que acreditariam? Provavelmente não.

Não, ele estava determinado a seguir seu caminho — tinha decidido no momento em que apertara o enorme botão vermelho. Não haveria jeito de evitar uma corte marcial e um

provável pelotão de fuzilamento. Se voltasse, nunca mais teria uma chance daquelas. Ele nunca saberia.

Por fim, frustrado consigo mesmo, dando-se conta de que aquela inércia não produziria nada de útil, ele falou em voz alta: — Ficar sentado não dá em nada, Jake. Tire essa bunda da cadeira e vá.

Não era bem "agora ou nunca". Aquela janela de lançamento estava se fechando; dali a duas horas, haveria outra, sempre a cada duas horas. Mas não havia mais nada a fazer, nada mais para Jake naquela nave. Só era possível estudar uma situação até certo ponto. Depois, era preciso agir. Ele tinha planejado sua fuga por sete anos. Aquela era a sua meta. Era a concretização da promessa que ele tinha feito a si mesmo.

Antes mesmo de se dar conta, ele já estava de pé. Estava andando. Jogou fora o resto da refeição e mandou a nave entrar em modo de espera, então desceu para o convés de lançamento. Deu uma olhada final para trás; se tudo corresse como planejado, seria o último ser vivo que a nave teria a bordo.

— Adeus, Jake — disse o ajudante. — Vou cuidar na nave até o seu retorno.

— Faça isso.

Ele entrou no módulo de transporte e saiu da nave com cautela. Puxando a imagem em um dos monitores, Jake viu a gigantesca nave diminuir até virar um pontinho brilhante. Sua mente estava perturbada pela ideia de que poderia ter feito mais alguma coisa, talvez devesse ter feito, mas não conseguia imaginar nada específico. E se acabasse precisando de algo mais, poderia mandar um sinal à nave colonizadora para que ela enviasse um dos muitos fardos de carga que havia a bordo.

Ainda havia tempo para fazer o pequeno módulo voltar à nave colonizadora. Ele não precisava aterrissar ali. Havia muitos mundos distantes que receberiam de bom grado a chegada inesperada de uma nave totalmente carregada como aquela. Ele se tornaria um herói. Por um tempo, pelo menos. Só até a próxima nave militar chegar e algum colono oportunista entregá-lo em troca da recompensa inevitável. Não, era mais seguro simplesmente desaparecer.

Ele deixou o momento passar e manobrou o módulo de transporte para uma rota de pouso. Pouco depois, os primeiros sinais da camada externa da atmosfera começaram a passar pelo casco. Em seguida, veio a turbulência. Mantendo a nave estável, ele usou o atrito da atmosfera para frear, usando os propulsores só ocasionalmente para corrigir o curso.

Ele fez a nave descer rapidamente, aproximando-se da ilha pelo oeste e alinhando-a logo acima da superfície verde e cintilante do oceano — perto o suficiente para Jake ver grandes formas escuras se movendo na água. Ele reduziu a velocidade do módulo pouco antes de chegar ao litoral.

A areia das praias brilhava com um fantástico tom dourado com pontos perolados cor-de-rosa. Logo o litoral deu lugar a amplos gramados em aclives, que subiam na direção do pico distante do vulcão. A ilha inteira era de rocha vulcânica. Em alguns lugares, o solo era tão raso que as árvores não conseguiam se fixar. Só grama alta, arbustos e samambaias.

Finalmente, Jake pousou o módulo num platô alto que dava para o lado ocidental da ilha. Examinou cuidadosamente os monitores enquanto a nave colhia, filtrava e testava uma amostra do ar para ver se havia elementos tóxicos e bactérias, fungos, vírus ou príons maléficos. Poderia demorar vários dias até que o módulo informasse se ele poderia sair

sem um traje especial. O traje garantia proteção contra organismos até da Classe Seis, mas essa garantia não valia de nada ali, onde não havia serviço de atendimento ao consumidor. Não. Esperaria até que o laboratório de bordo terminasse de preparar as vacinas adequadas.

Ele enviou sondas terrestres e aéreas para explorarem a ilha. Não iria a lugar nenhum sem mapas detalhados do terreno, o que poderia tomar mais uma ou duas semanas.

Havia outros planetas na sua lista de candidatos. Alguns eram desérticos: lugares que mal tinham uma atmosfera respirável, onde a terraformação ainda não terminara e as únicas formas de vida eram algas, fungos e líquens. Outros tinham sido mapeados e já se sabia que eram habitáveis, mas Jake temia que algo ou alguém acabasse colonizar esses mundos. Não, aquele lhe dava alguma esperança de ficar sozinho. Ele não ia se entediar. Tinha música, digitomos, holovídeos.

Mas ele não queria esperar: entrou num VCE e começou a investigar a área em redor do local onde pousou para ter uma ideia. Só restavam mais algumas horas de luz natural, mas podia começar a colocar os marcadores do acampamento principal. Dirigindo o VCE, ele poderia preparar o terreno, instalar câmeras, luzes e diversos sensores, um perímetro de segurança e até torres automáticas de defesa — que provavelmente não seriam necessárias, mas era procedimento-padrão. Duvidava que fosse usar as armas contra algo maior do que um escorpião ou um mosquito. Ainda assim... tomaria precauções. O tempo que passou imerso na paranoia militar não o deixava relaxar facilmente.

No terceiro dia, ele construiu um hangar para o módulo: entrou no VCE, descarregou os materiais, soldou as paredes pré-fabricadas, colocou o teto no lugar. Botou a nave para dentro, fechou a porta. Então dormiu por oito horas enquanto as câmeras e torres vigiavam o perímetro.

Acordou no meio da noite.

Quase nu, apenas de shorts e carregando uma espingarda Torrent SR-8 com mira infravermelha, Jake saiu e olhou para a escuridão. O brilho azulado suave revelava apenas a selva em redor, dando-lhe tons profundos de índigo e preto. No céu, as estrelas cintilavam, e a maior das três luas do planeta descia lentamente. Levantando a arma, ele olhou pela mira e virou-se com cuidado, procurando sinais de calor. Nada.

O que quer que ele tenha ouvido, agora estava em silêncio.

Algo como um guinchado... emitido por alguma *coisa*. Um pássaro, talvez? Talvez uma daquelas coisas do oceano, emergindo por um instante? Talvez um daqueles bichos-porco? Talvez predadores que se alimentavam desse animal? A lógica sugeria que deveria haver. Mas a lógica era limitada aos fatos disponíveis, e os fatos eram limitados pela tecnologia disponível para estudá-los, e a sua era mais limitada do que disponível. Havia um antigo ditado sobre mundos novos e estranhos: eles eram estranhos. Não só mais estranhos do que você imagina. Mais estranhos do que você é capaz de imaginar.

Ele ficou no escuro por um bom tempo, escutando. Então voltou para dentro, sentou-se diante dos monitores de segurança e reproduziu os sons da noite. A maior parte do áudio gravado tinha apenas ruídos inofensivos de fundo — o sussurro das ondas, do vento e das folhagens da vegetação em redor. E quanto ao grito? Absolutamente nada.

Ele só tinha escutado em sua cabeça.

Mas tinha escutado. Sabia que tinha escutado. Tinha certeza.

Ficou sentado na frente das telas por um bom tempo estudando o terreno da ilha. Lançou três sondas para circularem na área.

E estremeceu.

O grito que ouvira naquela noite fora um rugido rústico, gutural, como se de surpresa, interrompido abruptamente. Ele não reconheceu, não entendeu, não sabia o que o tinha causado... mas reconheceu a sensação de algo penetrando em sua cabeça. Já tinha sentido aquilo. Não com esse grito, mas outro parecido.

Havia histórias de coisas do outro lado do setor com estranhos poderes psiônicos. E outras histórias, ainda mais perturbadoras, de humanos que tinham sido alistados e treinados como guerreiros psiônicos. Fantasmas. Jake nunca conhecera um fantasma, nem visto um ao vivo. Oficialmente, eles nem existiam, mas ele sabia que estavam lá. Tinha sentido um impacto psíquico inadvertido. Ocorrera numa missão de transporte, uma operação ultrassecreta.

Foi logo no começo da carreira. Ele era só um oficial de terceira classe insignificante na época. Mas a enorme nave preta, uma nave sem nome, precisava de tripulação com urgência e ele teria uma permissão de segurança. Ninguém falava da missão, mas estava implícito que eles estavam indo para a Academia Fantasma, na lua Ursa, dos Tarsonis. Embora ninguém falasse, todo mundo sabia que havia um telê a bordo, numa cabine protegida.

Quem quer que fosse, ela ficou em seu alojamento, longe de todos, durante a viagem inteira. Mas uma noite teve um pesadelo e, sem aviso, soltou um súbito grito telepático que atingiu a nave inteira, derrubando todos os tripulantes. Homens e mulheres ficaram parados, desmaiaram, vomitaram, tiveram convulsões, incontinência urinária e intestinal. Seu acompanhante, um único responsável que não parecia ter nada de especial, nem sequer hesitou: sem dizer nada, abandonou a partida de pôquer e saiu correndo do refeitório. Souberam depois que ele estava usando um dispositivo estiloso chamado de *filtro-psi*, que o protegera daquele grito terrível. A tripulação da nave não tinha essa proteção. Lenta e dolorosamente, as pessoas recuperaram os sentidos. A experiência com o impacto psiônico deixou-as tontas e confusas, fracas e trêmulas.

Pelo restante da viagem, o responsável manteve a candidata a fantasma sedada. Não houve nenhum pronunciamento oficial sobre o incidente, mas o capitão discretamente deixou vaziar que a telê era uma adolescente sem treinamento e com pouco controle sobre os poderes.

Mas o impacto do grito tinha atingido a alma de cada tripulante da nave. Foi um impacto brutal, primitivo, que os deixou marcados, feridos e sensíveis à mais ínfima onda de força psiônica.

Jake não sabia qual tinha sido o trauma da telê, que medos infectavam suas memórias, que terrores tinham ressurgido e causado seu pesadelo, mas tinha certeza de que envolvia zergnídeos, embora nunca os tivesse visto em pessoa. Depois daquele momento psiônico horrível, ressoava em sua mente um turbilhão desconexo de sentimentos estranhos e terríveis, como se ele tivesse sido atacado e invadido. Parecia que novas memórias tinham sido marcadas a fogo em seu crânio, lembranças falsas, não suas, mas ainda assim lembranças de como era ter sido jogado num fosso de insetoides sem mente, grunhindo e guinchando.

O médico da nave, ele próprio trêmulo e distante, avisara a todos na tripulação que a ressonância daquele momento poderia deixar alguns deles mais sensíveis a ruídos telepáticos, mas isso foi um eufemismo. Antes mesmo que a nave chegasse ao seu destino, três tripulantes se suicidaram.

Jake foi um dos azarados. Ele sobreviveu. Estraçalhado, sem cura, era um dos feridos que perambulavam. Em sua perturbação emocional, agora conseguia sentir o ruído mental das pessoas ao seu redor. Não claramente, só um chiado contínuo de impulsos desgarrados daquelas pessoas, malformados, incompletos: medo, aflição, raiva, tristeza, ressentimento e, muito frequentemente, pensamentos de luxúria e desejo, emoções estranhas e sombrias. O ruído vinha em ondas lentas, ora aumentando, ora diminuindo, mas nunca o suficiente para ser tolerável. Às vezes, as piores eram quando as pessoas estavam dormindo e sonhando.

Foi aí que Jake decidiu escapar. Ele tinha que achar um lugar onde pudesse sentir novamente o que era o silêncio, um lugar onde não houvesse humanos por perto.

Mas e *esse* grito...? Ali, naquele momento. Não era humano. Disso ele tinha certeza. Era outra coisa. Uma coisa que podia ser um animal, podia ser um inseto, podia não ter mente, podia ser como um deus. Independentemente do que fosse, era algo intimidador.

De manhã, antes que o sol laranja clareasse o horizonte, Jake estava de pé e pronto. Usava um traje leve de combate e trazia uma AGR-14 modificada. Mexera no capacete para projetar dados no seu visor. Passara muitas horas no trajeto para aquele mundo reconstruindo e reformando todos os equipamentos que o frustravam — quase todos. Ele se prendeu a um abutre, respirou fundo e murmurou: — Muito bem. Vamos nessa.

O abutre — uma hover-moto de um lugar com blindagem leve, projetada para ser rápida e confiável — era perfeito para missões de reconhecimento e patrulha. Os modelos coloniais podiam voar até uma altitude de mil metros e alcançavam até 370 quilômetros por hora. Jake colocara três deles no módulo de transporte, além das peças sobressalentes.

Por seis dias ele vasculhou as ilhas, tentando escutar também em sua mente ruídos de... da coisa que gritara naquela noite. Por seis noites ele patrulhou os céus, examinando a folhagem escura com focos de luz azul. Nada.

No sétimo dia, ele descansou. Pousou o abutre ao lado do hangar e percebeu que as primeiras trepadeiras já estavam explorando a superfície da coberta. Em alguns meses, cresceriam tanto que a cobririam com ramos grossos e escuros e um tapete ainda mais espesso de folhas azuis e pretas. Seria uma boa camuflagem contra olhos predatórios.

Na segunda-feira, Jake inspecionou novamente as células de combustível de seu abutre e decolou mais uma vez. Voltaria à parte norte da ilha para examinar as encostas do vulcão mais alto. Parecia uma torre de refrigeração gigante surgindo no horizonte. A gravidade relativa de 90% encorajava tudo a crescer mais em todas as direções. As dunas e as ondas eram mais altas, porque o ângulo de repouso era maior. As montanhas eram íngremes e entrecortadas. Os cones dos vulcões subiam como torres em direção ao céu, e suas laterais eram praticamente verticais. Insetos e animais também eram maiores. O calor intenso do dia fazia com que animais sem homeostase se aquecessem mais rápido e mantivessem seu calor interno. O que, somado a uma atmosfera rica em oxigênio, também favorecia animais maiores — o tamanho normal era uma bola de futebol; o que preocupava eram os que saíam dessa escala. Esses podiam chegar a ter o tamanho de um campo de

futebol. Felizmente, as ilhas deste arquipélago não eram grandes o bastante nem para sustentar um rebanho pequeno dos herbívoros gigantes que andavam no continente.

Além disso, o terreno de formação vulcânica era irregular e desnivelado. Não favorecia uma exploração casual, muito menos migração. Sem o abutre, diversas locais permaneceriam inacessíveis a Jake. Havia lugares que ele não teria visto, características que não teria descoberto.

Especialmente...

As duas crateras adormecidas estavam atravessadas por tubos de lava, túneis naturais formados por correntes de lava derretida. À medida que as torrentes desciam, as bordas endureceram acima e em redor, deixando longos túneis de rocha vulcânica escura. Erupções posteriores tinham construído tetos grossos sobre muitos dos tubos de lava. A maioria era larga o suficiente para um módulo de transporte passar. Se soubesse procurar tubos de lava, ele poderia ter se poupado de construir um hangar onde pousou. Um tubo desses daria uma proteção aérea muito melhor. Se fosse fundo, serviria até como bunker. Teria de explorar melhor esses túneis, mas não antes de descobrir a fonte do grito psiônico.

Questão de prioridades.

De tempos em tempos, Jake parava a pequena nave para soltar outra sonda. As sondas exploravam paciente e silenciosamente o entorno, observando, escutando e transmitindo a informação para o acampamento. Algumas exploravam ativamente; outras ficavam semiadormecidas, despertando apenas quando perturbadas. Se houvesse coisas na ilha que desafiavam uma detecção simples, Jake as encontraria. Talvez não agora, mas acabaria achando.

À tarde, olhando para o norte, Jake viu o horizonte se escurecer rapidamente. Raios esporádicos brilhavam entre o mar e o céu.

— Que merda — falou Jake em voz alta. Ele esquecera as primeiras regras de qualquer coisa: não se envolver tanto com o que se está fazendo a ponto de esquecer o que se está fazendo. Ele esquecera de prestar atenção aos monitores do clima.

O perigo era visivelmente iminente. A vasta tempestade se aproximava dele a uma velocidade incrível. Era compreensível. Tudo neste mundo era maior do que ele imaginara. Não era um simples temporal, era uma supertempestade. Não havia como voltar ao acampamento antes que ela chegasse. Ele teria de achar um abrigo mais próximo e esperar.

Seu primeiro impulso foi seguir para o lado protegido do vulcão, mas quase imediatamente percebeu que ficaria indefeso de qualquer jeito quando a tempestade varresse tudo.

Não, havia somente uma possibilidade. Levou seu abutre para o tubo de lava mais próximo. Ele tinha planos explorar os túneis maiores algum dia. Só não sabia que esse dia ia chegar tão rápido.

Aquela tempestade não era totalmente inesperada. Seus levantamentos mostravam que o planeta era capaz de eventos climáticos extremos, mas sem estudos de longa duração sobre os padrões de ventos e de clima, Jake não tinha como saber a frequência com que ocorriam essas supertempestades. O planeta precisava de uma era do gelo para se resfriar. Todo aquele calor — o mesmo que favorecia a atmosfera rica em oxigênio e fomentava o crescimento exagerado de animais e plantas — também favorecia a evaporação maciça de água da superfície do oceano e a formação de ventos horrendos, que sopravam as enormes

nuvens supersaturadas contra qualquer montanha que estivesse no caminho. Não era só uma supertempestade: era a tempestade perfeita, um furacão de proporções colossais.

Quando chegou ao tubo de lava, o vento já estava subindo e fazendo com que ele quase perdesse o controle do abutre. A entrada da caverna era um buraco em um penhasco extremamente íngreme, parcialmente bloqueado pela folhagem. O céu já estava escurecendo, os primeiros raios estavam caindo e os respingos de pesadas gotas estavam atingindo a cobertura da aeronave. Jake segurou firme os controles, manobrando o abutre para que passasse pelos ramos e entrasse no túnel. Assim que saiu do vento, deixou que a inércia o carregasse tubo adentro. Usou apenas um pouco os propulsores. Os faróis vasculhavam a penumbra, mas revelavam apenas paredes de obsidiana polida. Incontáveis reflexos rebrilhavam e cintilavam do vidro vulcânico escuro.

Cinquenta metros adiante, Jake pousou a nave no chão do túnel. Essa profundidade deveria ser suficiente. Se não, poderia entrar ainda mais na montanha. Não tinha ideia da extensão daquela caverna, mas os sensores do abutre indicavam que havia pelo menos mais cem metros, talvez mais. Depois desse ponto, o visor não conseguia determinar nada.

Jake desceu do abutre, levantou a viseira do capacete e respirou fundo. O ar já tinha um cheiro úmido. Mesmo naquela profundidade do tubo, ainda era possível sentir uma corrente de ar vindo da entrada. A abertura brilhava como um círculo de luz, já escurecendo, em que se entreviam os clarões dos relâmpagos. Ele se aproximou apenas o suficiente para sentir os respingos da tempestade. Já começava a martelar com poderosas ondas horizontais que deixavam as paredes do túnel pingando. A água entrava mais rápido do que escoava. Jake se perguntou se deveria levar o abutre para uma parte mais alta do tubo, mas, ao subir a ladeira de volta, viu que a água claramente não chegaria até ali. Ele estava em segurança, fora do alcance das forças da tempestade.

— Merda — disse Jake novamente. — Não contava com isso. — Abriu a tampa traseira do abutre e olhou os suprimentos. Havia comida e água para três dias, talvez uma semana se economizasse. Não ia precisar de tenda, mas o saco de dormir seria mais confortável do que o chão duro da caverna. Se tivesse cuidado, não precisaria do kit médico. Inspeccionou as armas: o arsenal inteiro estava carregado e pronto. Duvidava que fosse precisar de uma arma ali. Não, ele esperava que não fosse precisar. — Não tire conclusões precipitadas — lembrou a si mesmo. — Vermes de túnel. Basta um para acabar com o seu dia.

Pensou na AGR-14 — não era exatamente uma arma leve, mas era eficiente. Usava aceleração magnética para disparar projéteis a velocidades supersônicas, tudo com um barulho muito intimidador. Jake gostava mais das cápsulas incendiárias. — Melhor prevenir do que morrer — concluiu. Pegou a AGR-14 e dois cinturões extras de munição. Depois de pensar um instante, pegou também um de granadas incendiárias. Só por garantia.

Ligou a lanterna e checkou a bateria. Olhou novamente a tela que tinha instalado no visor do seu capacete; isso lhe permitia ver suas reservas de energia, seus monitores de sistema, seu monitor biométrico e a situação do abutre caso precisasse fugir da caverna às pressas. Tudo estava funcionando. Não lhe agradava essa ideia de fugir. Ele tinha sérias dúvidas de que haveria algo dentro daquele túnel mais perigoso do que o furacão que arrasava tudo lá fora, mas não queria descobrir que estava errado do pior jeito.

Então, começou a escalar. O tubo de lava tinha uma ladeira íngreme, difícil mas não impossível. Ele achava que, na gravidade-padrão daquele mundo, a lava derretida fluiria mais devagar, mas o ângulo maior do cone vulcânico na verdade fazia a lava descer mais rápido. Suas varreduras preliminares revelaram redes inteiras de túneis. Ao que parecia, à medida que o cone do vulcão em erupção subia, os tubos de lava iam se formando um acima do outro, às vezes se contorcendo e fazendo curvas como espaguetes. A física dessas formações teria entretido um batalhão de geólogos por várias gerações.

O som dos seus passos ressoava nas paredes polidas da caverna, ecoando como num boxe de banheiro. Se havia alguma coisa viva no túnel, ela o ouviria bem antes que ele chegasse até ela. E vice-versa...

De quando em quando, Jake parava para escutar. Lá atrás, a tempestade ainda rugia. O tênue brilho da saída do túnel diminuía até desaparecer. Não se viam nem os clarões dos relâmpagos, embora a reverberação do estrondo dos trovões na montanha pudesse ser sentida. Os raios lá fora deviam estar assustadores.

Mas ele não escutou nenhum outro som. Não com os ouvidos. Mesmo assim, começou a sentir uma ressonância desconfortável dentro de si, uma sensação inominável que o corroía como a ansiedade ou mesmo a fome, mas parecia algo mais profundo.

Seu pé escorregou. Ele apontou a lanterna para baixo. Havia rochas soltas. Aquilo não fazia sentido. Mas também havia fios de água correndo. A montanha devia estar cheia de rachaduras, sofrendo uma lenta erosão por dentro. Poderia haver um sistema de drenagem inteiro, escavado por milênios de tempestades.

Jake pensou nas possibilidades. Dava para esconder um complexo militar inteiro dentro daquele vulcão: fábricas, quartéis, arsenais. Mas a ideia o fez estremecer. Era exatamente daquilo que ele tinha fugido: o automatismo desanimador da eterna preparação para a violência.

O túnel foi ficando mais íngreme. De vez em quando, ele parava para respirar. E precisava ter mais cuidado na hora de pisar. Mas ele não olhou. Jake só percebeu que tinha pisado em alguma coisa quando sentiu um arranhar na sua bota. Foi só quando ouviu um ruído metálico.

Então olhou para baixo.

Brilhava como ouro. Mais radiante do que ouro. Um tom de luz que era tão belo quanto pouco natural. Um estilhaço de algo metálico, mas não exatamente metal.

Primeiro, ele pensou que era a lâmina de uma faca ou até de uma espada, mas tinha uma curva graciosa. Curvou-se para examinar mais de perto. Cutucou com o pé. Agachou-se sobre a coisa, suspirando alto e olhando-a com pura irritação. Não pelo que era, mas pelo que significava.

Mexeu no objeto com hesitação, ciente de que poderia ser algum tipo de máquina esperando para ser ativada. Parecia a ponta quebrada de algo em formato de gota.

— Que merda — soltou Jake. — Merda dupla.

Ele ficou sentado observando aquela coisa, desejando que fosse outra, que estivesse em outro lugar. Não fosse pela tempestade lá fora, ele teria fugido imediatamente. Teria corrido para seu acampamento, colocado as coisas no módulo de transporte e decolado de volta para a nave colonizadora. E já estava planejando sua retirada. Teria que deixar aquela ilha, aquele planeta, aquele sistema.

Jake conhecia aquilo. Sabia o que era. Tinha visto coisa parecida num museu de relíquias de campos de batalha. Não a mesma coisa, mas o mesmo tipo de não metal. O mesmo amarelo perolado intenso. O mesmo brilho constante. Sem ferrugem, fenda, arranhão, queimadura. Só um pedaço quebrado de algo que fora forçado e acabou se partindo.

Metal dos protoss.

Ele não estava só.

Jake se forçou a respirar devagar. Contou até dez. Até vinte. Até cento e oitenta. Talvez estivesse tirando conclusões apressadas. Talvez houvesse outra explicação. O metal dos protoss não se estragava, não sofria erosão. Talvez a peça estivesse ali havia anos, séculos, talvez até milênios. Talvez os protoss tivessem chegado e, não achando nada, partido.

Jake pegou o pedaço brilhante e o examinou, virando-o muitas e muitas vezes em suas luvas. Não. Aquilo não tinha sido jogado fora. Fora lançado ali, forçado e partido como as peças do museu de batalha. Mas apresentava profundas ranhuras e riscos de um lado. Marcas que pareciam ter sido feitas por dentes ou garras.

— Terceira merda. Essa é tripla — disse Jake. Então concluiu em voz alta: — Os protoss estiveram aqui e perderam um combate contra alguma coisa que também estava aqui.

Seu joelhos estavam começando a doer de tanto ficar agachado. Ainda segurando o pedaço não exatamente de metal, ele se levantou. Podia continuar subindo, mais para dentro do vulcão... ou podia recuar até o seu abutre e enfrentar a supertempestade. Ou podia ficar ali, paralisado pela indecisão — o mesmo tipo de indecisão que o mantivera sentado nos controles da nave de colonos por uma semana antes de finalmente decidir descer até a superfície do planeta.

Se recuasse, ele nunca saberia que ameaças poderiam estar espreitando dentro da montanha. Nunca saberia o que causou o grito no meio da noite. Se continuasse subindo... bem, pelo menos saberia o que estava enfrentando e poderia decidir se ficava ou ia embora.

Isso se sobrevivesse ao confronto.

— Merda! — soltou novamente. Havia outras palavras para usar, mas *merda* era a que parecia mais apropriada.

Os metros seguintes da subida eram muito íngremes, mas depois o tubo de lava subitamente ficou plano e se abriu em uma enorme câmara vertical. Perscrutou a escuridão com um raio de luz azul. O chão do espaço era uma mistura de rochas; o teto era uma abóbada lisa, mas não foi isso que chamou a atenção dele.

Houvera uma grande batalha ali. As paredes da caverna estavam chamuscadas, e o chão estava cheio de pedaços de não metal. A maioria dourada; alguns prateados. Jake não era nenhum especialista em tecnologia protoss, mas pensou reconhecer alguns dos fragmentos prateados: poderiam ser pernas quebradas de coisas chamadas *tormentos*. Outras partes, de brilho amarelo, poderiam ser restos daquelas enormes máquinas de guerra conhecidas como *imortais*.

Ele poderia ter ficado fascinado ou até maravilhado ao ver as máquinas de guerra dos protoss, mas não ficou. A visão daqueles destroços metálicos o deixou perturbado e ansioso. Sugeriu — não, comprovava — que havia algo terrível naquele mundo, algo tão atroz que conseguia rasgar em pedaços protoss com blindagem pesada.

— Merda! — disse Jake. — Merda, merda, merda! — De todas as palavras que Jake falou desde a aterrissagem, *merda* agora era a mais utilizada, de acordo com a tela do seu visor.

Ele tirou um console de seu cinto e soltou uma nuvem de microespiões para dentro da enorme câmara. Os minúsculos dispositivos com propulsores eram tecnologia de Umoja, e ele pagara caro por eles no mercado negro, certo de que seriam úteis algum dia. Imediatamente, começaram a circular em redor, vasculhando, medindo, escutando...

... até que um raio azul foi disparado do lado oposto da caverna, acertando os microespiões um a um, desintegrando todos com um clarão.

Jake saltou para a escuridão, sabendo que na verdade não adiantaria de nada. O que quer que tivesse acabado de incinerar seus microespiões certamente já o tinha sob a mira também. Ainda durante a primeira onda de adrenalina que lhe subiu pelo estômago, pelo peito, pelo coração, ele se deu conta de que só estava vivo porque alguma coisa *queria* que ele continuasse vivo.

Ele respirou fundo, uma, duas, três vezes... então deu um passo à frente. Correr seria a pior coisa que poderia fazer.

Do outro lado da caverna, onde outro tubo de lava se abria para um grande vão — ou talvez fosse a continuação daquele tubo onde estava — algo brilhava. Alguma coisa alta. Alguma coisa que não era humana.

Naquele instante, de súbito, Jake se deu conta de que era extremamente sortudo... e extremamente azarado também. Agora era um dos poucos seres humanos daquele setor a ficarem face a face com um protoss. A razão para haver tão poucos é que a maioria dos que estiveram nessa situação não sobreviveram ao encontro.

— Hã... olá — disse ele. E ergueu a mão direita num cumprimento hesitante.

#

Lassatar estudou a criatura à sua frente. Ele estava ciente da presença de Jake na ilha desde o dia em que chegou. Agora, ali naquela caverna, finalmente podia examiná-lo.

Humano. Envolto em tecnologia rústica. Imaginava ser poderoso. Tinha um arremedo de pensamento em torno de um núcleo de impulsos primitivos — a maior parte, medo. Era um escravo da fisiologia com inclinação para o pensamento, até aspirava ao verdadeiro pensamento, mas não passava de uma máquina orgânica alimentada por uma mistura desajeitada de fome, medo, raiva e vagos desejos desconfortáveis.

Desejava intimidade, mas temia a conexão com sua própria raça. Desejava conhecimento, mas temia a descoberta. Desejava mudança, mas temia a ação. Desejava paz, mas temia a morte.

Desejava a sciência, ansiava por uma luz da qual só sentia uma parte ínfima, mas temia abandonar o estado animalesco que o mantinha encarcerado em uma prisão de emoções. Reagia muito mais do que agia.

Tudo isso e menos.

O fato de os humanos terem obtido tecnologia para dar saltos espaciais era muito mais uma demonstração do quanto este universo era fácil de entender do que uma prova de inteligência inata. A espécie humana ainda não tinha terminado de evoluir — e

provavelmente nunca terminaria. Destruiria a si mesma antes de alcançar um estágio avançado de existência.

Apesar disso, a paixão crua dessas criaturas lhes dava um conjunto terrível de habilidades. Podiam criar quase tão ferozmente quanto podiam destruir. Não eram irracionais. E para esse templário das trevas, descobrir o que um humano era capaz de se tornar era uma questão tentadora que merecia uma enorme atenção.

*Se você compartilha uma galáxia com outra forma de vida, ou é um parceiro ou é um flagelo. Não há meio-termo. Se o relacionamento não for de colaboração mútua, então será de eterna guerra e destruição. A vida é inevitável. Os recursos são finitos. O resto é apenas exercício para os aspirantes.*

No breve instante entre a destruição dos microespíões e o momento em que a criatura ergueu a mão para cumprimentá-lo, Lassatar ponderou mil opções. Sua curiosidade se sobrepôs a todas.

Ele já tivera experiência com humanos, na maioria das vezes com violência, mas um encontro fortuito em um mundo qualquer tinha feito com que pensasse nas possibilidades da senciência dessa espécie inacabada. Será que essa mente primitiva e brutal poderia ser treinada? Será que esse animal poderia ser aprimorado? Poderia aprender as responsabilidades mais profundas das tecnologias que criava? Ou era como os herbívoros gigantes do continente — um beco sem saída da evolução, condenado pela sua própria biologia a se alimentar e servir de alimento, sem capacidade real de entender sua própria participação nos processos do tempo?

A criatura diante dele naquele instante...

Lassatar identificou uma curiosa afinidade.

Assim como ele, a criatura tinha escolhido se afastar de sua raça. Os humanos faziam isso com frequência, muitas vezes sem razão aparente.

À primeira vista, não fazia sentido. O comportamento parecia não ter valor evolutivo. Separada da tribo, do rebanho, da família, a habilidade de uma unidade solitária para sobreviver é reduzida consideravelmente. Até uma robusta casca tecnológica raras vezes oferecia proteção suficiente contra as forças primais do universo. E, se essa unidade solitária viajasse sem um parceiro, sem a capacidade de se reproduzir, então essa ação era de fato biologicamente inútil.

Mas, se o valor evolucionário não estava imediatamente à vista, ainda era inerente. Do contrário, esse comportamento não continuaria a ocorrer, teria desaparecido da espécie rapidamente. O fato de alguns de seus membros se dedicarem à exploração e à descoberta claramente tinha algum valor de sobrevivência para o pool genético maior. Esse comportamento poderia funcionar como uma via útil para o surgimento de um modo de pensar mais avançado dentro da espécie — um caminho para o desenvolvimento de uma mente genuinamente consciente. Poderia ser até um gatilho evolucionário tão profundo quanto andar ereto ou usar ferramentas.

O futuro da humanidade era uma questão que os protoss mais idosos debatiam de vez em quando. Humanos eram uma anomalia curiosa, uma espécie presa no vértice da possibilidade. Divididos entre impulsos biológicos e a possibilidade de se tornarem verdadeiramente sencientes, os humanos eram uma interrogação no próprio processo de questionar. A solução do dilema poderia ser interessante, mas não digna de reflexão séria

— não até que a ameaça zerg tivesse sido totalmente eliminada. A despeito disso, qualquer encontro seria mais uma peça na estrutura crescente do pensamento.

Lassatar era um guardião de segredos, um protetor de mistérios antigos — e via seu dever como uma responsabilidade sagrada. Mais do que isso, como uma identidade. Achava que seu trabalho exigia que ele fosse o espírito vivo do legado protoss. Não bastava ser só um guardião. Ele precisava ser uma encarnação daquilo: tinha de ser um acesso aos poderes e habilidades do passado.

Ele acreditava que os mistérios do passado ancestral eram importantes e tinham um significado profundo para os protoss contemporâneos. A vida era mutável. Os primeiros protoss sabiam disso — não apenas na teoria, mas por aplicação prática.

A vida *evoluía*. Mudava. Desafiava a si própria e se adaptava a qualquer circunstância que ocorresse ao seu redor. Para uma mente superior, esses processos era belos, cruéis e poderosos. Para uma mente superior, que pensa em termos de milênios, a evolução era uma ferramenta, e os primeiros membros da espécie protoss usavam-na com destreza. Praticavam a aplicação das pressões evolutivas para manter e controlar o ambiente dos mundos que conquistavam. Muitas vezes, elevavam ecologias inteiras de um estágio primitivo para um estável.

Enquanto estudava os processos ancestrais, Lassatar pensara brevemente sobre como esses mistérios se aplicariam aos dias atuais. Por exemplo, os humanos poderiam ser *elevados* à verdadeira sciência? E, em seguida, poderiam se tornar parceiros úteis na guerra contra os zergs?

Essa era uma pergunta interessante, mas que nenhuma autoridade protoss estava disposta a considerar de fato, menos ainda a investigar. Os humanos tinham uma tendência a emoções descontroladas e violência. Nem mesmo a verdadeira sciência poderia remover esse núcleo emocional do ser. Elevar a humanidade poderia resultar em uma espécie muito perigosa, talvez até em uma ameaça aos protoss. O risco era grande demais.

E... não era uma investigação que ele poderia assumir sozinho sem violar a integridade do seu ofício. Ele era o guardião dos mistérios, não o mestre. Ainda assim... um acontecimento anômalo o forçara a seguir uma linha de raciocínio diferente.

Ele vinha procurando uma importante relíquia, um artefato *xel'naga*, e o encontrara perto de um assentamento humano isolado. Mas, ao mesmo tempo, encontrara também uma criança humana. A criatura demonstrava inocência e espanto desconcertantes, traços que não ficaram evidentes em nenhum dos confrontos prévios que os protoss vivenciaram.

Mas, se um humano imaturo era capaz, o que isso sugeria quanto aos demais?

Lassatar estava plenamente ciente de que os humanos ainda não tinham alcançado a sciência, nem mesmo em ilusão. Na escala de autoconsciência, os humanos estavam pouco acima dos insetos. Eles eram *dominados* pela natureza física de seu ser, controlados por sua química cerebral, movidos por suas próprias tempestades hormonais, vítimas das circunstâncias nas quais foram jogados ao nascer. Eram confundidos pelos estímulos e atuavam como criaturas reativas — máquinas orgânicas simples e previsíveis. O fato de seu cérebro ter evoluído na direção de uma capacidade de racionalizar era um acidente evolutivo, um processo ainda em curso.

Mas o encontro com a pequena fêmea e seu pai, que antes era um ser violento e se transformara em um protetor amoroso e compassivo, deixara-o intrigado e curioso.

Compaixão e empatia eram reconhecimento da existência de um *eu* nos outros, componente essencial da sciência: a habilidade de identificar consciência fora do seu próprio ser. Um pequeno passo primordial, mas talvez o mais necessário. Ver esse potencial demonstrado num humano exigia uma investigação. E a pergunta seguinte também. Por que essa capacidade dos humanos diminuía com a idade? Por que ela não amadurecia com o indivíduo? Seria por essa razão que a espécie não conseguia chegar à verdadeira sciência?

Lassatar passou essa questão aos seus acólitos enquanto refletia sobre a natureza do artefato xel'naga. Pouco se sabia sobre ele, e poderia ser perigoso reativá-lo. Não era uma tarefa para se assumir levemente.

Então ele disse aos acólitos que ponderassem sobre a natureza da autoconsciência e da sciência. *Considerem as questões da compaixão e do reconhecimento do eu no outro. Pensem na natureza da consciência como algo passado de uma geração a outra e no modo como a memória cria a história, a história cria a identidade, e a identidade cria o impulso de sobrevivência.*

*Que tipo de consciência resulta* — perguntou aos acólitos — *se uma espécie é elevada?* — Ele não mencionou que espécie tinha em mente e teve o cuidado lembrá-los de seus limites. O trabalho do guardião era proteger, não aplicar. Sim, a pesquisa fazia parte do ofício, mas não a experimentação direta.

Ainda assim, os acólitos questionaram — não seria a experimentação parte do processo de pesquisa? Aquele era um assunto completamente diferente e Lassatar não estava inclinado a investigá-lo ainda. Exigiria mais reflexão do que ele queria fazer naquele momento. O artefato xel'naga exigia que sua atenção se voltasse para ele primeiro.

Então ele os deixou com a única missão de pensar profundamente nos dilemas essenciais da sciência, confiante de que essa questão os manteria ocupados e longe de problemas. Talvez devesse ter sido mais específico.

Ele levou o artefato xel'naga consigo para um asteroide remoto e estéril. Silenciosa, paciente e metodicamente, ponderou sobre sua história, sua natureza e por que tinha sido deliberadamente escondido pela raça ancestral. Quando finalmente compreendeu, reativou o artefato.

E descobriu...

O que ele descobriu... deixou-o perturbado.

Não pelo que era, mas pelo que poderia ser. Não era simplesmente o poder que o artefato xel'naga liberou; eram as implicações desse poder. Poderia, deveria, iria ele revelar o que tinha descoberto?

Não era uma questão que ele poderia resolver sozinho, mas também não poderia compartilhar com os outros protoss. Ele estava envolvido com um enigma que poderia consumi-lo. Não viu outra opção a não ser o autoexílio.

Voltou do seu retiro para informar aos acólitos que tinham de debandar, mas acabou descobrindo que eles tinham sumido. Foi a primeira vez que ele usou o poder do artefato xel'naga.

Ele o usou para seguir o rastro psiônico deles até ali...

Sua descoberta o perturbou. Depois ficou horrorizado. Por fim, ficou triste.

E, se fosse capaz de entrar em pânico, teria sentido isso também.

Seu acólitos assumiram a busca e a levaram ao limite da loucura. Se era possível alterar a estrutura genética das espécies para mudar seu comportamento, será que conseguiriam transformar os zergs em algo menos perigoso?

Ali, separados do corpo pensante dos protoss, longe dos olhos das autoridades, os acólitos de Lassatar tinham secreta e metodicamente feito experiências com a biologia dos zergs. Eles justificaram suas ações para si próprios concluindo que estavam simplesmente testando uma teoria para relatar sua utilidade. Mas também havia orgulho e arrogância em seu trabalho. Achavam que, tendo provas de um empreendimento bem-sucedido, poderiam não apenas mudar o rumo dos debates sobre os zergs, mas também toda a metodologia de combate. Guiados pela ambição, os acólitos acreditaram que subiriam na hierarquia.

Se pelo menos eles tivessem sobrevivido.

A presença do humano só complicava mais a situação.

Os acólitos de Lassatar tinham escolhido aquele mundo pela mesma razão que o humano. Ficava tão distante das fronteiras do Setor Koprulu que seria extremamente improvável que sua presença ali fosse detectada. E era ainda mais irônico que o humano tivesse achado as evidências de seus experimentos.

Tinha de ser um acidente.

Se os humanos estivessem investigando os experimentos dos acólitos naquele mundo, mandariam mais do que um único explorador.

Então, tinha de ser um acidente infeliz.

Assim, Lassatar não via esse humano como ameaça; portanto, não havia necessidade de agir contra ele. Mas talvez...

Lassatar teve de deixar o resto do pensamento por concluir. Ele não conseguia ver todas as possibilidades da situação. Ainda não. Havia muita coisa a saber. E ele ainda não tinha resolvido o problema do artefato xel'naga.

O processo todo de pensamento — o conteúdo e o contexto — passou pela sua mente num tempo menor do que levou para dizimar os microespíões. Assim, quando o humano levantou a mão e disse "Hã... olá", Lassatar já tinha decidido que ia deixá-lo viver.

Como todos os protoss, ele não tinha prazer nenhum na destruição arbitrária da vida. Era um desperdício. Permitir que o humano continuasse seria um acesso a novas oportunidades. Matá-lo eliminaria essa opção.

Então ele mergulhou novamente na escuridão, desaparecendo da vista do humano.

#

— Hã, isso foi estranho — disse Jake. Sacudiu a cabeça intrigado. Sem saber o que fazer, deu uma olhada no monitor do capacete.

Estavam todos verdes, mas havia algo muito discreto no fundo. Estática. Ruído. Alguma coisa. Talvez alguma radiação do ambiente. Ele não sabia. Já tinha visto coisa pior. Podia ser até um ruído residual do próprio sistema.

Ou talvez não.

Jake não tinha experiência suficiente naquele mundo e ainda não tinha feito um investimento emocional de fato. Ainda poderia partir. Talvez devesse. Alguma coisa tinha destruído aqueles tormentos e imortais. E ele só conhecia uma espécie que poderia atacar um protoss... e conseguir lhe infligir danos reais.

Se alguma daquelas coisas estivesse naquele mundo, ele tinha que partir. Elas eram antagônicas a todas as formas de vida, exceto elas mesmas.

A não ser que... e se elas houvessem estado ali, mas os protoss já as tivessem destruído? Não, era só um desejo dele. Os fragmentos e detritos na câmara eram claramente pedaços de armadura protoss. Jake não viu nenhum pedaço dos atacantes. Aquilo que tinha destruído os protoss atacou sem aviso e os sobrepujou completamente. Havia arranhões nas paredes e no chão da câmara e também em algumas das peças de metal, mas não era possível identificá-los.

E, pensando nisso, o que tinha feito aquela câmara? Algum tipo de explosão? Ele não sabia dizer. Não era especialista em tecnologia protoss. E os outros caras? Pareciam-lhe ainda mais misteriosos.

Não, ele tinha que se concentrar na questão mais imediata: por que ainda estava vivo?

Mas se aquele protoss tenebroso não queria matá-lo, por que destruíra seus microespiões? Que tipo de ameaça eles representavam? Calor? Barulho? Radiação? Cheiro de combustível? Sinais sem fio? Aqueles dispositivos de Umoja eram menores que mosquitos. O impacto no ambiente deveria ter sido indetectável. Ou, pelo menos, insignificante.

Deveria ter sido.

Talvez ele tivesse deixando passar alguma coisa...

Se os microespiões eram detectáveis, então subitamente a razão pela qual o protoss os tinha destruído era inescapável: o motivo era impedir que atraíssem outra coisa. Alguma coisa muito horrenda.

— Merda.

Jake franziu o cenho e balançou a cabeça, ponderando suas opções. Ele tinha escolhido esse sistema justamente porque queria ficar sozinho. Este mundo era tão distante da fronteira que seria impensável encontrar protoss ou zergs. Deveria ser um refúgio seguro.

— Há! — soltou. — Veja só no que deu. — Ele achara um planeta com os dois.

Parte dele queria ir embora. De fato, Jake poderia argumentar facilmente em prol dessa atitude. Deveria voltar para o seu abutre, carregá-lo, virá-lo para a entrada do túnel — independentemente da supertempestade — e aproveitar a primeira oportunidade para partir.

E mesmo que não houvesse uma primeira oportunidade, ainda poderia partir ao primeiro som de garras batendo no escuro. Sim, ele tinha outros armamentos no abutre, mas vira o que os zergs tinham feito com a tecnologia muito superior dos protoss. Para Jake, uma partida rápida seria a opção mais segura e prática. Mas voltar para o abutre também significava ficar sentado no escuro, esperando com um terror crescente. O que não parecia nada bom. Jake se deu conta de que o mais paradoxal da covardia era que você tinha de tomar uma atitude corajosa para evitar as terríveis consequências que você mais temia.

Em vez de recuar, ele tinha de avançar, seguindo o misterioso protoss. Não sabia muito sobre os protoss, só as coisas óbvias que saíam nos telejornais. Mas teve a impressão de que aquele era um templário das trevas.

Apesar de alguns incidentes de conflito conhecidos, humanos e protoss não estavam em guerra. Na verdade, tinham até cooperado em algumas ocasiões. Até onde Jake sabia, o relacionamento era frágil e incerto — nem aliados nem inimigos, mas às vezes parceiros por conveniência. Ele se perguntou se seria o caso naquela situação.

Ele escolheu cuidadosamente o caminho para atravessar a câmara esférica que cortava o tubo de lava. A melhor conclusão era a de que uma explosão esférica tinha criado aquele espaço. Grandes pedaços de rocha vulcânica desnivelavam o chão, mas as paredes pareciam fundidas. Fosse lá o que tivesse acontecido ali, nada sobrevivera. Isso explicava os pedaços de tecnologia protoss. Teriam sido sacrificados? Ou será que os zergs tinham usado algum dos seus suicidas — os tatus-bomba? Eram bichos explosivos. Era mais provável que tivesse sido isso. O tamanho da câmara dava uma boa ideia da força da explosão. E a forma como as rochas estavam calcinadas — quase derretidas — e aquelas poças de lava aqui e ali eram sinais claros de ácido de tatu-bomba. Não era uma boa ideia atirar num desses, mas, se você não atirasse, as consequências seriam piores. Ou seja, nenhuma alternativa era boa.

Do outro lado do raio da explosão, onde o tubo de lava continuava, não havia sinal do templo das trevas. Ele recuara mais para dentro no túnel. Jake não ouviu barulho de luta. Era um sinal certo de que ele podia prosseguir. Queria poder lançar mais microespões, mas certamente havia uma razão para terem sido destruídos, e ele não ia testar novamente.

Subindo o túnel, com sua única lanterna perfurando a escuridão, Jake começou a sentir o peso da montanha sobre si. As paredes pareciam mais próximas e mais apertadas ali. Ele queria que o tubo de lava terminasse numa parede lisa de pedra, mas claramente não seria o caso. Tinha de haver algo mais no fim desse túnel.

E para onde teria ido o templo das trevas? Isso era outra coisa. Jake ouvira dizer que templos podiam se camuflar e ficar invisíveis, deixando apenas uma vaga pista, uma centelha no ar. Não sabia se era verdade, mas, se fosse, o protoss poderia estar bem atrás dele sem que Jake soubesse. A ideia não era nem um pouco reconfortante.

#

Lassatar tinha suas próprias questões para resolver.

O propósito principal da vida era sobreviver. E a maioria das vidas sobrevivia devorando outras. Os zergs eram as formas de vida mais perniciosas e famintas que os protoss encontraram. Eles vieram para o Setor Koprulu especificamente para destruir os protoss. E agora que o Enxame continuava a se expandir pelo setor, a situação estava chegando ao ápice.

O perigo era inerente ao genoma zerg. Ele subsistia tomando outras formas de vida para si, assimilando suas forças. Foi assim que a Rainha das Lâminas foi criada. E o resultado foi uma mente de colmeia zerg ainda mais forte e mais perigosa, que ficou conhecida como uma das maiores ameaças da história recente dos protoss.

O controle penetrante da Rainha das Lâminas se estendia por todas as infestações zergs. Isso tornou perigoso isolar e estudar qualquer forma de biologia zerg. Na verdade, qualquer tentativa de estudar os zergs chamaria a atenção dela para atividade. Às vezes, ela

manipulava ou interferia nos experimentos e frequentemente tentava subverter os pesquisadores.

E, ao que parece, a distância não era um fator limitante.

A colônia daquele planeta... tinha de ser obliterada.

Mas algo estranho estava acontecendo ali. Seu acólitos conseguiram *alguma coisa*. Lassatar tinha que descobrir a verdade, pois em algum outro lugar a Rainha das Lâminas certamente estava pensando nas mesmas possibilidades.

Lassatar perambulou pelos túneis e cavernas do vulcão. O que encontrou foi o que restou dos mecanismos de controle e das defesas dos acólitos. Eles foram esmagados pela ferocidade do próprio experimento.

Os indícios sugeriam que eles foram surpreendidos por um grupo de tatus-bomba. Os tatus-bomba sozinhos não conseguiriam destruir as máquinas a céu aberto, mas num lugar fechado, dentro da montanha, com a explosão confinada e a subsequente queda das rochas sobre os tormentos e imortais, tudo foi por água abaixo.

Era preciso destruir a colônia antes que ela entrasse em metástase — mas Lassatar estava hesitante. Precisava descobrir o que seus acólitos tinham feito com o genoma zerg. Apesar do risco de a colônia crescer e se espalhar enquanto ele demorava, era crucial que ele entendesse a natureza dessas novas criaturas e a ameaça que representavam.

Enquanto a colônia não desse sinais de expansão — um fator curioso por si só —, Lassatar achava que ainda tinha tempo de observar. Mas também porque ele ainda não tinha decidido qual o método mais eficaz para obliterá-la. Talvez devesse usar o poder do artefato xel'naga, mas temia mais esse poder do a ameaça da colônia de zergs que ali havia.

Ele tinha outra tecnologia a seu serviço, claro, mas nada era suficiente. Seria obrigado a colocar em movimento forças maiores, inerentes à situação. Se conseguisse acordar o vulcão de algum modo, criando uma explosão enorme, o cone vulcânico desabaria sobre o ninho. Isso garantiria a destruição.

A chegada do humano era uma questão menor.

#

Jake continuou subindo pelo tubo de lava, lenta e cautelosamente. Se não chegasse ao topo nos próximos trinta minutos, daria meia volta e seguiria para a saída. Se a tempestade diminuísse o suficiente, ele iria embora. Não só do vulcão, não só da ilha: iria embora do planeta.

Ele parava, escutava. Nada. Conseguia ouvir a própria respiração. Conseguia sentir o coração bater. Imaginou que conseguia ouvir até o som do próprio sangue correndo nas veias. Nada mais. Sentia o máximo de solidão que um ser humano era capaz de sentir.

Então... seu pé roçou em alguma coisa. Algo que não era pedra.

Jake olhou para baixo.

— Ah... que gosma!

Não era muito. Só um tentáculo. Mas era claramente a biomassa fétida que nutria os zergs e envenenava tudo. Dentro dela, uma rede de conexões neurais que levavam até aquele arremedo de mente dos zergs. Ou talvez até uma vasta rede psiônica. Ele não tinha certeza. Mas sabia que esse simples toque com o pé naquela coisa tinha acabado de anunciar sua presença aos zergs. A todos eles. Perto, longe, em qualquer lugar.

Aquilo o levou a decidir.

Recuar. Era sua única opção.

Se fosse o mais rápido que pudesse, ele poderia sobreviver.

A ideia ainda nem estava totalmente formada, mas ele já estava correndo. Saltou de volta, virando-se, correndo, cambaleando pelo tubo de lava. O chão não era nivelado. Ele escorregava e derrapava nas superfícies de obsidiana polida.

O facho da lanterna girava descontroladamente. Seu coração acelerava com a adrenalina percorrendo o corpo. Ele caiu e saiu deslizando por uma ladeira íngreme, manobrando e girando enquanto tentava se equilibrar, indo de cabeça em alguns momentos. Então, ainda rodando, bateu contra uma parede e deu um jeito de se reequilibrar quando o tubo se nivelou.

Sem fôlego, sucumbindo ao pânico, ele ainda conseguiu ficar de pé. Rolou sobre a barriga, firmou os joelhos, pôs os pés no chão, ergueu-se novamente e continuou correndo.

Disse a si próprio que poderia conseguir. *Sei que consigo, sei que consigo* — um velho mantra ecoou na sua mente.

Então chegou — "Que merda!" — à câmara de detritos. Teria de escolher com muito cuidado onde pisava. Qualquer vantagem que tivesse obtido acabaria num instante.

Ele não parou para pensar: pulou na primeira pedra de lava que viu e seguiu em frente. Pegou uma perna quebrada de um tormento para saltar para a próxima rocha, deu um pulo para outra, tirou do caminho um pedaço de blindagem dourada de um imortal, escalou o pedregulho seguinte. Estava na metade do caminho quando ouviu os primeiros sons — sons agudos de garras sobre pedra, ecos de coisas aranhando e raspando o tubo espelhado. Uma porrada de coisas. Jake não tinha experiência suficiente para identificar o que estava em seu encaixo. Sabia apenas que não era boa coisa. O monitor mostrou uma quantidade crescente de pontos vermelhos na retaguarda.

Adiante, a última escada para chegar à metade inferior do tubo de lava. Ele não ia conseguir. Virou-se para a entrada da parte superior do tubo, tirou a arma do ombro e definiu a zona de mira pegando uma área só um pouco maior que a abertura. Se a munição fosse suficiente, se não fossem muitos, se conseguisse rechaçá-los por um instante, se colocasse a língua na posição certa na décima sétima quinta-feira de um ano bissexto com a lua cheia no zênite e se sacrificasse um bode à meia-noite... então talvez conseguisse chegar à outra metade do tubo. E ao abutre. Dane-se a supertempestade. Ele preferia ser atingido por ventos de 300 km/h do que ser fatiado por insetos do tamanho de lobos.

Os primeiros três zergnídeos saíram guinchando do túnel acima dele antes mesmo que estivesse pronto. O que o salvou foram os tiros às cegas. As criaturas saltaram bem no meio da sua linha de fogo, mas não foi o suficiente. Jogou a primeira granada incendiária. Pedacos de metal voando, bolas de fogo escarlate e um barulho ensurdecador! A câmara refletia todo o som diretamente para Jake, pegando-o — junto com os zergnídeos — de surpresa. Coisas se espalharam em todas as direções. Nuvens de centelhas brilharam no escuro.

*Que sorte!*

Jake firmou a base dos pés para o próximo ataque. Desta vez, mirou a AGR-14 diretamente no tubo acima, concentrando os tiros mais para dentro e com intervalos regulares, observando a toda hora a contagem de munição no monitor. Por enquanto,

estava tudo bem, e ele ainda tinha mais dois cinturões de balas. Quantos zergnídeos conseguiria matar? Seria suficiente? Ou eles acabariam prevalecendo sobre ele?

Mais três! Seis! Chiando com ruídos infernais, arranhando com as garras a pedra lustrosa. Outra granada! Foram destroçados em pedaços flamejantes. O som das explosões era terrivelmente alto. O fogo tinha um brilho intenso e estonteante na escuridão da câmara. A poeira ficou mais grossa e cheia de faíscas.

Mas todas aquelas horas nos simuladores não foram perda de tempo. Ele jogava sozinho; jogava com a IA e contra ela; jogava em equipes. Fazia isso pela aventura fantasiosa, jamais pensou que um dia estaria enfrentando zergnídeos de verdade. E lá vinham mais deles! Guinchando como pesadelos vivos!

Jake perdeu a conta. Atirou cegamente na massa, estourando o último a meio metro de onde estava. Da próxima vez, ele não sobreviveria...

Dava tempo de escalar de qualquer jeito até a entrada do tubo? Olhou para cima e para trás... e quase não via o ataque seguinte dos zergnídeos. Não, não dava. Mais três, quatro, seis. Outra granada incendiária. Foram despedaçados rápida e ruidosamente. Estava começando a pegar o jeito. Mas a munição estava acabando. Isso não terminaria bem. Dava para sentir o cheiro agora... o odor de fogo e o cheiro fétido de monstros calcinados e queimados, o fedor que era uma junção de todos os odores de vísceras alienígenas com morte, carbonização e coisas que ele não era capaz de identificar. E ficava mais difícil enxergar no ar carregado.

Jake teve uma ideia — um último recurso desesperado. Talvez pudesse bloquear a entrada do tubo superior. Conseguiria fazer isso sem derrubar uma chuva de pedregulhos em si mesmo? Restavam três granadas. Será que dariam conta do recado? Só havia um jeito de descobrir. Só precisava de alguns segundos...

Dezesseis zergnídeos depois, o barulho dos tiros ainda ecoava no tubo de lava e pedaços fedorentos e derretidos de carne ainda se respingavam e queimavam nas paredes. Ele se deu conta de que não teria aqueles poucos segundos.

— Merda.

A não ser que ele fizesse *outra* coisa.

Mirou bem fundo no túnel e soltou uma rajada contínua de tiros. As traçantes riscaram a escuridão, deixando raios de luz vermelhos e amarelos. Guinchados distantes chegaram até os seus ouvidos. Nuvens de poeira e pequenas avalanches de pedrinhas e membros de zergnídeos desceram pelo túnel.

Talvez ele tivesse tempo. Tinha que tirar a capa de proteção da chave, armá-la... eram controles demais, por que ele não fizera tudo num só botão? Ah, sim, por segurança. Teria de repensar essa decisão. Mais tarde. Pronto! E bem na hora! Ele mirou acima do túnel, no teto, e disparou. Uma, duas...

As granadas fizeram uma curva no túnel, desaparecendo na escuridão, soltando ruído que se aproximava do ultrassom e então...

A explosão veio como uma marreta, uma parede de barulho contra seu peito, lançando-o para trás, na parede da câmara. Um choque curto e cortante, seguido de um estrondo, um tremor, um desconfortável estremecimento de algo profundo. Então desceram os primeiros pedregulhos pelo tubo, uma pequena avalanche de detritos. Suficiente para enterrar as últimas partes de imortais e tormentos. Suficiente para elevar o

nível do chão da câmara. Suficiente para fazer Jake sentir a mudança de pressão nos ouvidos.

— Devia ter pensado nisso logo — disse, balançando a cabeça em satisfação. Respirou fundo uma, duas, três vezes, impressionado por ainda estar vivo, impressionado por sua própria presença de espírito. Tossiu alto, ainda em choque. Havia algo diferente naqueles zergnídeos. Não pareciam os do simulador. Eram... Jake sacudiu a cabeça; essa ele deixaria para os computadores investigarem. Ouviu o coração bater forte no peito e pensou: *Tenho que parar por um minuto. Preciso descansar...*

Passou uma vista na câmara, na poeira rodopiando, nas faíscas voando, nos pedaços orgânicos em chamas. Não pensava que os zergnídeos fossem feitos de carne, nem sequer insetos. Eram somente... partes de *coisa* nojenta e fétida. Isso o deprimiu. O universo era para ser um lugar de maravilhas e prodígios. Aquilo era... o inferno. O fogo das profundezas. A condenação eterna.

Jake voltou a si. — Ok, pode parar. Chega dessa angústia. É hora de cair fora dessa porra. — Virou-se para a ladeira de rochas irregulares entre ele e a metade inferior do tubo de lava e começou a escalar. Na metade do caminho, escutou os sons.

— Mas que merda. Peraí! Dá um tempo! — gritou para ninguém em particular, só para o universo todo. Sina. Destino. Qualquer coisa. — Já pode parar com essas pegadinhas perversas.

Subiu desajeitadamente até a saliência mais próxima, a dois metros do seu objetivo. Virou para olhar o lado oposto da câmara.

— Ah, merda...

A parede toda estava tremendo. Alguma coisa estava cavando do outro lado, uma coisa grande. *Muito* grande. Dava para ouvir o barulho das garras batendo com força contra a rocha. Isso era *outra* coisa.

O monitor mostrava uma área de perturbação maior do que a zona de destruição de qualquer arma que ele tinha. Tradução: "O que quer que seja, você está em desvantagem".

— Isso não é divertido — gritou Jake para o universo. — Já me diverti, e não é deste jeito.

Ainda assim, ajustou a mira da arma para concentrar os tiros numa área menor. Talvez conseguisse ferir aquela coisa dos infernos. Ou talvez ela tivesse um ponto vulnerável — não era provável, mas ele podia ter esperança —, e, se achasse, quem sabe não poderia até matá-la.

A parede oposta estava tremendo agora. A poeira subia da superfície, pequenas pedras caindo, fendas se abrindo e rochas maiores rachando e desabando. Ele se apoiou na parede escura às suas costas, firmando a posição. Talvez só tivesse uma chance de acertar. Manteve a lanterna no centro...

Algo irrompeu, uma lâmina escura rodopiante, feito um enorme facão! Então outra, vindo do outro lado! Rochas caíram e se despedaçaram na escuridão. A coisa era enorme! Grande demais para ser verdade! O que diabos era aquilo que ele estava vendo?

Onde mirar? Na boca? Nos olhos? A coisa estava balançando a cabeça de um lado para o outro, agitando seus dois ossos que pareciam foices gigantes. Se havia uma boca ali, ele não conseguia ver. Talvez, se estourasse um dos joelhos, ela caísse... Ah, atira logo!

Antes que pudesse apertar o gatilho, algo explodiu atrás de seus olhos, entre suas orelhas, dentro da cabeça: o efeito de uma rajada psiônica, cegando, ensurdecendo,

cauterizando, gritando dentro dele em milhares de cores e formas e cheiros e sons e fogo frio queimando de dentro para fora — belo e doloroso e delicioso e horrendo, tudo ao mesmo tempo...

De pé à sua frente, o templário das trevas com os braços abertos, fogo saindo de suas mãos de quatro dedos, raios cortando o ar da câmara vulcânica, ecoando, chiando, violentamente queimando, calcinando e despedaçando a fera cambaleante na parede oposta. Ela guinchava e se contorcia numa agonia horrível.

Jake observava tudo atônito.

Por fim, a coisa cambaleou e tombou para a frente, de cabeça, nas rochas abaixo, com um barulho de uma avalanche de carne carbonizada. O cheiro era insuportável, perturbador e angustiante. Seria uma ultralisca... se não tivesse sido transmutada em algo muito maior e mais feroz.

— Puta merda! — soltou Jake. — Merda, puta merda!

O protoss permaneceu imóvel diante do gigantesco bicho morto, vendo-o afundar sobre si mesmo. Faíscas azuis de raios dançaram às suas costas até evaporarem, deixando apenas fumaça, poeira e detritos. Ainda caíam pedrinhas do teto da câmara. Jake olhou para cima e apontou a lanterna, examinando a possibilidade de desabamento.

Mas não, a câmara estava firme.

Jake sacudiu o corpo. Sua cabeça doía. O corpo todo estava dolorido. Ele se sentia destroçado e abalado pelo efeito da rajada psiônica.

— Puta, puta, puta... — tomou fôlego e finalmente disse: — ... merda. Devo ser o primeiro humano a ver uma coisa assim. O primeiro que sobreviveu, pelo menos. Deve ser uma dessas coisas psiônicas que os protoss fazem. É uma coisa... diferente.

Já estava se perguntando se sua sensibilidade ao ruído psiônico ficaria ainda maior do que era antes. Esperava que não. Ou talvez tivesse dado sorte e o fato de estar próximo da rajada houvesse sobrecarregado e eliminado a pouca sensibilidade psiônica que tinha. Muitos humanos tinham surtos de habilidade. Poucos tinham habilidade para serem treinados como fantasmas. E Jake estava feliz por não ser um deles. Sentia-se esgotado, apenas parado no lugar.

— Ok, Jake — disse a si mesmo. — Hora de dar o fora daqui. — Virou-se para o protoss, ergueu a mão para dar adeus e...

... puxou a arma abruptamente e disparou! ... na onda de bichos que se espalhava pela parede oposta. Varreu com seus tiros a parte central da onda. Sua última granada gerou uma pequena avalanche, e a parede rochosa desabou, enterrando todos os zergnídeos agonizantes sob uma camada de pedras, poeira e brasas.

Por que o protoss não tinha visto e atacado os bichos? Tinha tempo de recarga? Tinha que repor as energias? Se sim, então a psiônica não era arma para qualquer situação, como todos acreditavam. Interessante. Não que Jake tivesse para quem contar.

O templário das trevas virou para Jake e ergueu uma mão como agradecimento ou despedida — Jake não tinha certeza. Mas ele entendeu muito bem o sentido geral. Hora de ir embora, hora de ir! O templário sumiu de vista, e Jake escalou as últimas rochas para chegar ao tubo inferior. Desceu correndo até o seu abutre, pulou no assento, baixou a capota da frente e começou a recuar na direção da entrada do tubo.

Lá fora, a tempestade ainda soprava, mas os sensores de Jake mostravam que era apenas a beira da tempestade. O centro estava mais ao norte. A supertempestade estava

passando apenas de raspão na ilha, não por cima. Os ventos ainda estavam fortes, mais do que Jake preferia que estivessem, mas o abutre calculou que poderia fazer a rota de volta para o acampamento. A confiança não estava alta, mas era suficiente. Jake ligou o motor.

No caminho de volta, seus pensamentos se atropelavam. Oportunidades, circunstâncias, situações, escolhas, dificuldades, decisões — desarmar tudo e ir embora parecia a melhor opção. Mas algo o impedia. O protoss salvara sua vida. E não havia razão para ele fazer isso, não que Jake pudesse imaginar.

Mas Jake salvara a vida do templário das trevas também. Então a dívida estava paga. Não estava?

Por que o templário das trevas tinha aparecido naquela hora? Por que destruíra aquela... aquela ultralisca mutante bizarra?

Por que, afinal de contas, o protoss tinha aparecido?

Jake acelerou na noite cada vez mais escura, gritando de frustração em sua cabeça. *Merda! Aquele bicho quer alguma coisa de mim!* E, quando chegou ao acampamento, ele sabia exatamente o que era.

#

Lassatar ficou parado por um instante, imobilizado pelo que tinha feito. Esgotado. Vazio. Vulnerável.

Ele usara o poder do artefato xel'naga. Ou talvez o artefato tivesse usado Lassatar: ele não sabia dizer com certeza.

Mas agora ele compreendia.

*O artefato xel'naga era uma lente psiônica.* E mais outra coisa. Uma coisa aterrorizante. Como lente, o objeto amplificava e concentrava os poderes psiônicos de quem o utilizasse. Mas era mais do que isso: o artefato xel'naga estabelecia uma ligação com o usuário. de modo que, mesmo que este não tivesse poderes próprios, teria o poder psiônico do artefato a seu serviço.

No momento do ataque, Lassatar tinha tantos poderes psiônicos quanto um arconte à sua disposição. Talvez até mais do que um arconte. O artefato xel'naga dava acesso a enormes campos de energia, mas, para controlar esses campos, sugava toda a energia do usuário. O artefato consumira toda a sua força e energia e as utilizara para modificar suas próprias habilidades psiônicas, concentrando, mirando e destruindo os agressores zergs no meio de uma tempestade flamejante psiônica.

O que seria possível fazer se este artefato estivesse nas mãos de alguém ainda mais poderoso nas artes psiônicas... como um arconte?

Além disso, a descoberta de que vastos campos psiônicos podiam ser acessados, concentrados e aplicados mesmo por alguém que não tivesse poderes psiônicos... o que esse conhecimento traria à raça dos protoss?

Como guardião dos mistérios passados, Lassatar teve que perguntar a si mesmo de quem estava protegendo aquelas relíquias. E *para quem* as estava protegendo?

Ele não sabia responder essas perguntas. Não ali, não naquele momento.

Era preciso dar um jeito naquela situação primeiro. E o artefato xel'naga fazia parte dela agora. A relíquia ancestral não apenas expandira seu poder de agir, mas também seu poder de *ver*.

Sua compreensão daquela colônia zerg impossível tinha se expandido com um impacto subitamente perturbador. O que não ficara evidente nas formas de vida menores — os tatus-bomba e os zergnídeos — estava horrendamente óbvio na gigantesca ultrasca mutante que saíra do túnel.

Seu acólitos tinham criado zergs com *identidade*.

Agora ele entendia o que os acólitos tinham feito. E por quê. Será que a Rainha das Lâminas poderia ser subvertida? Ali era o laboratório de testes deles. Eles tinham isolado psionicamente a montanha. A Rainha das Lâminas não sabia que havia uma colônia ali. E a colônia não sabia que havia outros zergs. Estavam sozinhos e assustados. O campo de isolamento os mantinha mentalmente presos em um pesadelo agorafóbico.

Foi por isso que eles fracassaram. O terror foi o erro.

Quando criaturas individuais desenvolvem identidade, também desenvolvem a necessidade de dar continuidade àquela identidade — uma necessidade de sobreviver. Quanto maior a noção de individualidade, maior o impulso de sobrevivência. Quanto maior a necessidade de sobrevivência individual, menor seria o controle da Rainha das Lâminas sobre as partículas de seus domínios.

Esse experimento... Ao isolar a colônia, os acólitos modificaram dramaticamente o equilíbrio interno da espécie. O que quer que estivessem tentando fazer, já tinham conseguido... e fracassado.

Os zergs não recuavam. Mesmo na derrota, faziam seus inimigos pagarem com sangue por cada metro avançado. Mas, se os membros individuais de um ninho pudessem ver que não haveria chance de sobreviver a um ataque, reconheceriam isso como o fim da identidade. Agora separados em indivíduos, com cada zerg vivenciando sua própria e única autoconsciência, a colônia ficaria fragmentada. Será que todas os bichos zergs perceberiam sua destruição iminente? Será que hesitariam? Entrariam em pânico? Fugiriam?

Parecia uma conclusão lógica.

Mas faltava aos acólitos experiência para ver que essa premissa era simplória demais. Eles presumiram que criar identidades nos zergs os infectaria com a covardia.

Um erro compreensível.

Um erro fácil de se incorrer quando não se pensa a fundo. O erro era óbvio quando visto em retrospecto, mas os subordinados de Lassatar, os arquitetos daquele horror, tinham morrido pela própria presunção.

Não tinham levado o raciocínio até o fim. Emoções são de natureza biológica — uma reação visceral a processos intelectuais. O medo vem da percepção de perigo. Alguns medos são baseados nas circunstâncias imediatas; outros têm menos fundamento, vindo de respostas emocionais a possibilidades ainda em formação.

A extremidade inferior do espectro emocional — pesar, medo, hostilidade — é uma vasta sinfonia de momentos inter-relacionados. A extremidade superior — felicidade — é muito mais estreita. Os pesquisadores não consideraram os zergs capazes de ter algum sentimento positivo. Irracionais como formigas, eles não teriam nenhuma necessidade evolutiva de felicidade. Então os acólitos de Lassatar não levaram em conta essa possibilidade em sua hipótese.

Lassatar poderia ter avisado. Ele vira isso claramente nos humanos que encontrara. Como a felicidade era tão rara em suas vidas, tornou-se extremamente preciosa para eles. Assim, eles a buscavam de todas as formas.

Ele vira isso quando encontrou o artefato xel'naga e conheceu a garotinha; havia também um exterminador humano lá. A menina tinha encontrado a felicidade na família, enquanto o exterminador só era feliz ao matar. Era a única felicidade que ele conhecia ou entendia.

Aqueles zergs ali não sabiam como sentir felicidade na família. Eles aprenderam a ser felizes nos ataques. Gostavam de atacar; podia ser até que gostassem de morrer num ataque. Isso os tornava ainda mais ferozes, muito mais perigosos, de maneiras ainda não imaginadas. Que outras consequências fortuitas ainda estavam por ser descobertas?

Por um momento, Lassatar considerou a possibilidade de os experimentos terem sido bem-sucedidos de formas que eles não previram. Talvez a natureza da identidade fosse tal que um desenvolvimento maior poderia gerar conflitos dentro do Enxame zerg, como a guerra civil que ocorreu quando a Rainha das Lâminas desafiou os cerebrados. Mas a Rainha das Lâminas tinha subjugado os cerebrados, e os zergs se tornaram ainda mais perigosos. E se estas coisas subjugassem a Rainha das Lâminas e os zergs se tornassem ainda mais letais?

Ele não correria o risco de descobrir. Não deixaria aquela colônia crescer. Se as criaturas alcançassem uma massa crítica, poderiam sair dos limites do isolamento psiônico da montanha. E, caso isso acontecesse, elas se espalhariam para fora daquele mundo...

Lassatar era obrigado a admitir que não tinha os recursos para destruir o ninho.

Mas o humano tinha. Lassatar poderia usá-lo.

Muitos humanos tinham uma forma primitiva de habilidade psiônica, um traço rústico e animalesco que entendiam como sentimentos sem indício — palpites, pressentimentos e momentos inexplicáveis de não causalidade. Uns raros humanos possuíam habilidades poderosas o suficiente para serem reconhecidas, controladas e até treinadas. Até criaram uma academia para treinar seus combatentes psiônicos, que chamavam de *fantasmas*.

Esse humano tinha a mesma habilidade psiônica rudimentar que o resto da espécie. Mas, da mesma forma que o artefato xel'naga tornara temporariamente possível que Lassatar tivesse poderes de um arconte, também despertara e expandira o potencial desse humano como receptor psiônico.

O humano não a escutaria como uma comunicação. Não, mas ele a sentiria, e isso deveria bastar.

Fora muito simples para Lassatar colocar uma imagem de um vulcão explodindo na rajada psiônica do artefato xel'naga. Os zergs teriam medo.

O humano sentiria isso de outra forma.

#

Jake não sabia como sabia, mas ele sabia.

Como se tivesse andado pessoalmente cada metro da montanha, ele conhecia cada tubo, túnel e câmara. Como se tivesse conectado diretamente com a gosma psiônica, sabia o alcance e a posição de cada tentáculo. Como se tivesse se tornado algum tipo de biocomputador orgânico, sabia exatamente o que seria preciso para acordar o vulcão e destruir o ninho. Como se tivesse subitamente saído de sua própria vida e estivesse

olhando para si mesmo de cima, como um metadeus, ele sabia exatamente o que acontecera.

— Maldito protoss! — disse. — Aquele filho da mãe dourado, metido, invasor de mente! — Bateu os controles no abutre, fazendo-o descer de lado para o hangar do seu módulo de transporte. — Bem, eu não sou obrigado... — Mas, antes de terminar o raciocínio, já sabia que estava errado.

— Merda.

Quaisquer que fossem os pensamentos, sentimentos ou imagens inseridos em seu cérebro, o impulso era forte demais. Ele *era* obrigado. E sabia disso. Não por conhecimento, mas intuitivamente. Era como se tivesse se tornado outro tipo de pessoa. Não deixaria aquele planeta até que tivesse destruído os zergs... ou morreria tentando.

— Tudo o que eu queria era um lugar tranquilo! — gritou para os resquícios da tempestade nos céus. — Era pedir demais? — Levantou os braços e brandiu os punhos. — Protoss! Supertempestades! Bichos zergs gigantes?! Vulcões infestados? Ok, já entendi! O carma de colher o que a gente planta! Mas isso não está um pouco demais, não?!

Em resposta, um relâmpago rasgou o céu ruidosamente. Tão perto que o assustou, quase fazendo com que caísse no chão.

— Ok, ok, já entendi — disse Jake, levantando-se. — Não tenho direito a opinião.

Dentro do seu módulo de transporte, sua base de operações, ele ligou o monitor principal e estabeleceu uma conexão com a nave de colonos. Ia tomar um certo tempo. Ele teria de calcular muita coisa. Quanto precisaria e onde colocar para conseguir o máximo de resultado. A nave de colonos estava equipada com tudo o que era necessário para começar uma colônia de mineração autossuficiente. Trazia máquinas muito poderosas e explosivos potentes. Não bastava, mas já era um bom começo...

Jake já tinha feito uma varredura geológica muito boa com suas sondas, mas não era boa o suficiente — não até melhorá-la com o superconhecimento que o protoss lhe dera.

As supertempestades tinham enfraquecido o lado do cone voltado para os ventos, e a montanha tremia um pouco mais a cada ofensiva. Partes do cone estavam frágeis. Ali, ali e ali — logo acima da copa das árvores do lado noroeste, havia sete tubos de lava, cada um apontando para o núcleo adormecido do vulcão. Ele podia fazer a nave de colonos lançar os módulos de carga com suprimentos de mineração e depois improvisar sondas com explosivos desses suprimentos. Se conseguisse fazer todos os tubos de lava desabarem ao mesmo tempo, poderia fazer aquele lado da montanha ruir e gerar um desabamento da caldeira vulcânica.

Ele simulou algumas possibilidades. Algumas funcionavam, mas não como ele queria. Simulou outras. Começou a ver a escala do problema. Ele queria explodir uma montanha. A montanha queria explodir também, mas não estava pronta. Ele tinha que prepará-la. E isso exigiria muita energia.

Essa era a parte de que ele não gostava. — Maldito protoss! Pro diabo com esses olhos dele! — rosnou Jake. — Que direito ele tem de colocar coisa na minha cabeça!? Não coloquei nada na cabeça dele; só disse "olá"! O que é isso? Um convite pra um estupro mental?

Por outro lado, ele tinha de admitir que era divertido procurar formas de matar zergs. Quase prazeroso. A cada vez que uma simulação derrubava o vulcão, ele ria alto. — Há! Se eu conseguir fazer isso de verdade, vou sujar o calção!

— Muito bem — disse consigo mesmo. — Vamos ver o tamanho da explosão que consigo fazer aqui! — Suas mãos se moviam pela tela, os dedos dançavam no teclado, dava comandos num ritmo quase frenético. — Nunca transei com um vulcão antes: isso são só preliminares. Mas, quando eu terminar, vai ser a melhor foda da história!

Jake sabia muito bem que estava possuído — dominado — por seu impulso obsessivo. Ele não tinha escolha. Mas, quanto mais trabalhava, mais os sentimentos de satisfação, prazer e até de êxtase cresciam nele. Mesmo que pudesse parar, ele não queria mais. Estava gostando demais daquilo tudo.

O problema era que, qualquer que fosse a tecnologia que usasse, os zergs poderiam procurá-la e destruí-la. Então isso tinha que estar previsto no plano também: sincronizar o ataque com mais recursos do que eles poderiam descobrir a tempo.

Hum...

Sim.

Isclas. Ele teria de colocar isclas para distrair os zergs. Seria preciso que ficassem o mais perto possível da zona-alvo, mas longe dos mecanismos de ativação.

Muito bem. Agora era necessário dar mais uma repassada nos recursos e no modo de aplicá-los. Rodou mais algumas simulações, mais possibilidades. Ele poderia causar sérios danos a Mauna Koala, como estava começando a chamar a montanha, mas só em 54% das simulações conseguiria ativar uma explosão das proporções que buscava. Não bastava. Teria que obliterar a ilha inteira, nada menos que isso.

Se a ilha sobrevivesse, se uma semente que fosse daquela biologia zerg sobrevivesse... todo o esforço seria desperdiçado.

Processou mais situações possíveis, sentido tanto frustração quanto felicidade. O trabalho era divertido; cada novo cálculo o deixava mais perto da solução, mas a lentidão do progresso o aborrecia, desafiava o impulso que o movia, deixava-o irritado e impaciente. — Porra, Senhor Templário das Trevas! — disse Jake para o protoss ausente. — Se vai me dar um problema, não podia ter dado também a solução?!

Havia um jeito de fazer. Na sua mente, Jake chamava de Operação Excesso. Funcionaria, mas lhe custaria a maior parte dos seus recursos. A nave de colonos tinha nove módulos de carga cheios de engradados de explosivos cuidadosamente empacotados, assim como robôs de mineração conhecidos como MULEs. Ele teria que trazer todos, pelo menos um para cada túnel vulnerável. Levaria pelo menos um dia para colocar os explosivos nas sondas, talvez outro para colocar cada um num tubo de lava. Mandaria outras sondas na frente para fazer barulho nos canais. Se ele trabalhasse direto, sem dormir...

Poderia funcionar. Tinha de funcionar. Assim que a ideia ficou clara em sua mente, mandou um sinal para a nave de colonos enviar os nove módulos. A janela de lançamento mais próxima estava logo acima do horizonte. Os módulos poderiam chegar em duas horas. Teria de começar a trabalhar neles imediatamente, mas era possível. Teria de reconfigurar as sondas, ajustar a relação força-peso para a massa extra dos explosivos e sincronizar os detonadores com um sinal multifrequência.

As varreduras geológicas mostraram que a montanha tinha várias fendas profundas devido a erosão da água, terremotos e erupções antigas. Jake poderia levar os MULEs a essas câmaras, disparar explosivos líquidos nas fendas, até o núcleo. Depois detonar tudo de uma vez.

Se funcionasse, se tudo explodisse como planejado, a caldeira vulcânica afundaria sobre si mesma, a parede noroeste se separaria da lateral do cone do vulcão e a montanha inteira explodiria. A força dessa explosão despedaçaria o resto do cone e faria com que caísse sobre si, num desabamento secundário. Se o magma subjacente fosse suficientemente agitado, a ilha inteira desapareceria numa bola de fogo. Jake estaria observando tudo de uma certa distância.

Tipo, lá da órbita.

Se bem que...

A menor ilha do arquipélago ainda era mais do que suficiente para ele. E ficava a 300 quilômetros a noroeste da zona da explosão. Quando os zergs fossem eliminados, ele poderia ficar lá em paz.

Ele rodou mais alguns cenários, procurando grupos satisfatórios de padrões de ação. Logo ficou óbvio que havia pequenas variações de um mesmo tema, mas todas elas eram variações da Operação Excesso.

Jake suspirou. — Merda. Não tem jeito fácil. Não tem jeito melhor que esse.

Começou a dar as ordens necessárias.

— Espero que o diabo do protoss seja esperto o suficiente para pular fora. Não vou atrás dele.

#

Lassatar tomou conhecimento do plano do humano assim que o primeiro módulo de carga chegou ao chão. Quando Jake começou a levar os primeiros MULEs para os túneis, ele já entendera exatamente qual era a ação planejada e saíra do vulcão, deixando para trás apenas uns equipamentos protoss para manter alguns zergs ocupados. O humano precisava de uma distração para eles.

Havia outra coisa que ele precisava fazer. Os zergs sentiriam as vibrações e iriam investigar o que estava acontecendo. Assim que a colônia zerg descobrisse robôs mineradores bombeando explosivos líquidos nas rachaduras, iria atacá-los.

Mas esses zergs — infectados pela *identidade* —, quando percebessem a escala das atividades do humano, ficariam nervosos e perturbariam a colônia inteira. Não havia jeito de adivinhar como esses indivíduos reagiriam. Alguns poderiam entrar em pânico ao sentirem a possibilidade de perigo pessoal. Poderiam fugir. Lassatar tinha de manter todos dentro do vulcão para o plano funcionar.

Então ele esperou. E escutou as *emoções* deles. Quando os zergs sentissem o perigo, teriam medo. Quando sentisse o medo deles, Lassatar agiria...

#

Então, enfim, começou.

Um zergnídeo descobriu um MULE bombeando explosivo líquido em uma fenda profunda da superfície do vulcão. Gritou, saltou e se contorceu de dor enquanto o fluido ácido volátil penetrava sua carapaça. Outro hesitou quando uma sonda com explosivo manobrou tubo adentro; recuou diante da presença estranha. Um terceiro encontrou um

grande pacote que fazia um tique-taque ameaçador; tomado por uma curiosidade atípica, a criatura o carregou mais para dentro do ninho para examiná-lo melhor.

Um após o outro, separadamente, os zergnídeos voltaram para a gosma. E, à medida que partilhavam as experiências de seus encontros individuais com a tecnologia humana desconhecida, o efeito cumulativo passou de incerteza a ansiedade e, em seguida, para os primeiros sentimentos perturbadores de uma emoção antes estranha à colônia — incômoda em indivíduos, mas, quando amplificada no coletivo, tornou-se uma angústia sufocante. Até os zergs que não tiveram contato direto ficaram assustados pelo desconforto coletivo de seus pares.

O pânico começou. Uns ficaram paralisados; outros fugiram para túneis mais fundos; houve também os que tentaram escapar por cima. A maioria se agrupou para um contra-ataque. Mas contra quem?

Então *outro* ataque começou. Dentro de seus cérebros acelerados, das suas cascas quitinosas, de sua carne pulsante, dentro de todos eles, um constante martelar de confusão e luz que os deixou tontos e estáticos. Uns desabaram; uns ficaram imóveis; uns estremeciam paralisados. Os tatus-bomba sentiram algo como um impacto e explodiram onde estavam. O coração da colônia sofreu um colapso maciço. O poder total do artefato xel'naga.

E piorou. As batidas ficaram mais altas, viraram pancadas de força psiônica. Os tentáculos da gosma espalhados pela montanha se retraíram de dentro da rocha. A colônia zerg estava no centro de um turbilhão de medo. Estavam vivenciando uma coisa que nenhuma outra colônia zerg experimentara antes: absoluto terror! Cada fera dentro da montanha guinchava e gritava, gemia e arfava, tremia descontroladamente e agitava-se, tomada por horríveis convulsões, incapaz de uma ação coerente.

E então...

As sondas ativaram seus jatos, uma de cada vez, em uma cascata sincronizada de fogo. Paredes de chama superaquecida correram pelos tubos de lava até o coração do núcleo adormecido, aquecendo a rocha vulcânica até o ponto de fusão.

Um estrondo abalou o vulcão. Nuvens de fumaça subiram das laterais. Rochas se soltaram e caíram em pequenas avalanches nos lados íngremes do cone. As pequenas avalanches ficaram bem grandes.

Em seguida, quando a montanha não poderia ficar mais quente, surgiram as primeiras explosões. Uma seção disparou prematuramente, meio segundo antes da hora, mas o resto foi detonado conforme o plano, numa série perfeita de explosões predeterminadas.

A montanha estremeceu. Mas não aconteceu nada.

Mesmo de longe, a primeira palavra que Jake soltou foi um inevitável "Merda!".

Então... uma brusca nuvem de fumaça. Outro tremor. Um tremor contínuo. Um tremor crescente. A montanha tremia. Começou a balançar. A parede noroeste do vulcão começou a crescer, foi inchando de forma alarmante... aí explodiu.

Um grande estrondo repentino que não parava, apenas crescia enquanto as colunas de poeira e rocha incandescente subiam pelos ares cada vez mais alto — uma torre de horror e destruição. Rochas flamejantes lançadas para cima e para fora desapareciam no azul celeste; a erupção continuaria por horas, lançando lava quilômetros em redor, no mar que evaporava.

— Puta merda! — disse Jake. Sentiu-se subitamente feliz. Incrivelmente, abismadamente feliz. Queria dançar. Sentiu um impulso emocional incontrolável inundá-lo, tão poderoso que o deixou fraco e trêmulo.

Em seguida, sentiu-se limpo e livre e liberto... e ainda feliz. Mas um tipo diferente de felicidade. Não a só a felicidade da vitória, mas uma mais profunda, interna — a felicidade da paz.

Seu plano tinha funcionado. Ele sabia. Não sabia como sabia, mas sabia. — Nada vai escapar dali. — E se deu conta de que tinha falado isso em voz alta. Olhou para a tela do capacete. — Talvez nem mesmo eu.

Ele virou-se para o abutre.

Seu aliado, o templário das trevas, estava de pé ali.

— Olá — disse Jake.

O protoss não respondeu.

Jake achava que sabia por quê.

Toda aquela rajada psiônica — ele também tinha sentido, mesmo a distância — devia ter exaurido a força do templário das trevas.

Jake observou atônito. Se o protoss estava esgotado, estaria também vulnerável? Seria aquilo um sinal de confiança? Um sinal de que ele sabia que Jake não tiraria vantagem de sua fraqueza momentânea?

Ou será que Jake estava apenas imaginando?

E então o protoss levantou uma mão. O gesto era um cumprimento.

Era isso o que Jake estava sentindo... uma emoção cujo nome ele não sabia. Gratidão. Companheirismo. Afinidade? Alguma coisa.

— Eu... hã... Eu acho...

O templário das trevas parecia estar estudando Jake. E, por um instante, Jake também sentiu medo. Seria ele descartável agora que tinha servido ao propósito?

Não.

O protoss devia estar sentindo a mesma coisa.

Jake sorriu. — Então, hã... esse pode ser o começo de uma bela amizade, hein?

O protoss terminou de examinar Jake e desapareceu.

— Ou... não — concluiu Jake.

E encolheu os ombros.

Virou-se e olhou para torre de fumaça e chamas que ainda crescia para o alto. — É, hora de dar o fora daqui.

Não sabia bem para onde iria a seguir, mas desta vez teria de ser um lugar onde houvesse gente.